

IDENTIDADE MASCULINA: UM ESTUDO PSICOSSOCIAL SOBRE A EXPERIÊNCIA DO HOMEM FRENTE ÀS PRESSÕES DA MASCULINIDADE

Priscila Ferraz Silva (IC) e Bruna Suruagy do Amaral Dantas (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

O presente artigo se propõe analisar como jovens do sexo masculino vivenciam a formação identitária e como lidam com modelos de masculinidade hegemônica. Para coletar os dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dez jovens universitários heterossexuais de 20 a 30 anos com ensino superior. A análise dos depoimentos foi feita sob a ótica da Psicologia Social, baseando-se em autores como Alberto Melucci, Zygmunt Bauman, Antônio da Costa Ciampa e Stuart Hall, que discorrem sobre a construção dialética da identidade e a mútua determinação entre a sociedade e o indivíduo. A pesquisa partiu do pressuposto de que a masculinidade, assim como a identidade, resulta de um processo contínuo de construção social e histórica. Observou-se que os entrevistados apresentaram discursos heterogêneos a partir dos quais foi possível obter um quadro geral no qual a identidade e a masculinidade se constituíam como produtos da relação sujeito e sociedade.

Palavras-chave: Identidade. Masculinidade Hegemônica. Sociedade.

ABSTRACT

This article aims to analyze how young men experience identity formation and how they deal with models of hegemonic masculinity. To collect the data, semi-structured interviews were conducted with ten heterosexual university students aged 20 to 30. The analysis was made from the perspective of Social Psychology, based on authors such as Alberto Melucci, Zygmunt Bauman, Antônio da Costa Ciampa and Stuart Hall, who discuss the dialectical construction of identity and the mutual determination between society and individual. The research was based on the assumption that masculinity, as well as identity, results from a process of social and historical construction. It was observed that the interviewees presented heterogeneous discourse from which it was possible to obtain a general framework in which identity and masculinity are constituted as products of the relation between individual and society.

Keywords: Identity. Hegemonic Masculinity. Society.

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento dos estudos feministas e masculinistas colocou em pauta a questão da identidade masculina na sociedade atual, o que não somente permite compreender as concepções de gênero, sexualidade e identidade, como também os sofrimentos psíquicos resultantes das imposições do modelo hegemônico de masculinidade sobre os homens. Os imperativos da masculinidade hegemônica e seus desdobramentos para a saúde mental dos homens são vistos em todos os lugares e se traduzem em números expressivos que impactam a saúde pública. Por isso, o trabalho aqui apresentado consistiu em verificar como jovens universitários do sexo masculino vivenciam seus processos identitários, abordando expectativas e experiências e relacionando-as com modelos de masculinidade socialmente estabelecidos.

As pesquisas sobre o homem tiveram historicamente uma difusão mais marcante após a década de 1960. Entretanto, nesse período, foi o movimento feminista que alcançou maior visibilidade social, visto que pôs em pauta questões acerca da sexualidade, do gênero e dos papéis desempenhados por ambos os sexos, surgindo daí um interesse mais profundo pelo estudo do homem e da masculinidade com enfoque mais psicológico. Segundo Cochran (2010 apud Guerra, 2014), foram propostos a respeito dessa temática três paradigmas centrais, os quais resumiam as principais pesquisas e abordagens da época: 1) o paradigma biológico e evolucionista foca principalmente nos aspectos biológicos e evolutivos, que influenciam o comportamento social, sendo ele masculino ou feminino; 2) o paradigma da identidade de gênero é percebido como resultante do processo de desenvolvimento; 3) o paradigma da tensão do papel de gênero propõe a construção cultural da masculinidade e anuncia o surgimento de conflitos em decorrência da tentativa dos homens de agir de acordo com o papel social estabelecido. Todos esses paradigmas foram integrados e deram origem a um sistema de explicação da identidade masculina, o que instigou uma maior busca dos homens por entender suas subjetividades e procurar novos modelos de masculinidade, gerando uma crise da masculinidade.

Conforme Silva (2006), outro aspecto que contribuiu para intensificar essa crise e desencadear a emergência de diferentes subjetividades masculinas foi o aumento da visibilidade da homossexualidade e bissexualidade entre os homens assim como das drag-queens, travestis e transexuais. A apropriação de tais movimentos reforçou a pauta de discussão acerca das questões relativas à sexualidade e ao gênero. Um dos resultados desse processo foi o surgimento de estudos masculinistas, inicialmente em países como Estados Unidos, França e Inglaterra, além também do aumento de uma produção literária, chamada de literatura masculinista, a qual tenta propor soluções para

esse mal-estar do homem contemporâneo. Essa literatura se concentrou em desconstruir a identidade masculina baseada numa ideia de masculinidade tradicional, oitocentista, que ressaltava uma espécie de essência identitária comum a todos os homens, a qual engloba aspectos não só biológicos, mas também sexuais e comportamentais, criticando esse modelo tradicional e admitindo assim, como verdade única, uma essência pluralista dos gêneros.

É necessário compreender do que se trata a masculinidade tradicional, quais de seus aspectos ainda estão vigentes hoje em dia, quais mudaram e quais ainda estão em constante transformação. Para tais fins, é preciso analisar como a masculinidade vem sendo estudada ao longo da história. Como explica Honório (2009), até meados do século XVII, era predominante no Ocidente o modelo de sexo único, no qual se acreditava que ambos os sexos possuíam a mesma genitália. No entanto, os órgãos sexuais da mulher eram uma versão interior do corpo do homem. A vagina era vista como um pênis interno, os lábios como o prepúcio, o útero como o escroto e os ovários como os testículos. A retenção interna dessa estrutura justificava-se pela ausência de um calor vital da mulher. No caso do homem, os órgãos genitais eram vistos externamente. Posteriormente, abandona-se esse modelo e o substitui pelo modelo do dimorfismo sexual ou dos dois sexos. De acordo com Honório (2009), foi no modelo de sexo único que se falou sobre a biologia de dois sexos, arraigada no conceito de gênero: ser homem ou mulher era assumir um papel cultural, manter uma posição social, um lugar na sociedade.

Para Laqueur (2001 apud Honório, 2009), o interesse por buscar evidência para a distinção entre os sexos só surgiu quando essas diferenças começaram a ser política e socialmente importantes, ou seja, uma percepção provocada por diversas mudanças ideológicas, históricas, políticas e até mesmo religiosas que começaram a colocar em xeque essa visão única do sexo. Oliveira (2004 apud Honório, 2009) afirma que a masculinidade passou a ser idealizada a partir do guerreiro medieval; ela seria o resultado de diversas elaborações culturais resultantes das transformações sociais e históricas ocorridas no Ocidente a partir do século XVIII, tais como a passagem da sociedade medieval para a sociedade moderna, além da criação de instituições como o exército. Também é possível perceber em diversos momentos da história ocidental a importância da influência religiosa na valorização da masculinidade. O puritanismo, por exemplo, preconizava um ideal de masculinidade segundo o qual eram primordiais o controle das paixões, a moderação, a pureza sexual e mental assim como o incitamento à força e à virilidade disciplinada; criando uma imagem idealizada do homem devoto, fiel a princípios, valente e destemido, que era acima de tudo, viril e masculino, formando,

assim, a imagem do patriota e cristão. Dessa forma, além de estimular atributos guerreiros, a religião também era responsável pela moralidade burguesa, que estimulava a contenção e a moderação, preservava os ideais burgueses familiares e enaltecia o ideal masculino do homem pai, marido e chefe de família, estereótipo que seria um dos pilares da masculinidade tradicional, os quais se contrapunham ao da mulher, que devia ser submissa e focada na relação mãe e filho, colocando o homem também na posição de provedor da casa.

A identidade masculina afirmada como oposição à feminina é extremamente presente nos estudos masculinos. Gomes (2008), em sua pesquisa, afirmou que ao entrevistar homens com mais de 40 anos de idade, muitos recorriam a adjetivos que julgavam pertencer somente ao gênero masculino em oposição aos que julgavam femininos. Ser homem, portanto, para os entrevistados, era ser viril, agressivo e forte, o que demonstra ainda uma permanência da masculinidade hegemônica no ideário social. Esse termo, cunhado por Connell (2013), foi proposto pela primeira vez em um estudo de campo sobre desigualdade social nas escolas, apresentado em um relatório de discussão conceitual que se relacionava à construção das masculinidades e à experiência dos corpos de homens. Masculinidade hegemônica refere-se, como afirma Fialho (2006), ao grupo masculino cujas representações e práticas constituem a referência socialmente legitimada para a vivência do masculino. Trata-se, assim, de se pensar em certa “organização social da masculinidade”. Esse modelo, todavia, não abrange muitas pessoas; pelo contrário, somente poucos indivíduos conseguem chegar à altura do padrão esperado. Connell (2013) demonstra que a ideia original de masculinidade hegemônica não necessariamente é o padrão comum na vida diária de meninos e homens. Na verdade, a hegemonia trabalha mediante a produção de exemplos de masculinidade e de símbolos que têm autoridade, embora a maioria dos homens e meninos não vivam de acordo com estas prescrições morais e sociais. Tal modelo hegemônico, que se baseia na heterossexualidade monogâmica e reprodutiva, é ensinado para os homens desde pequenos, como demonstra Da Matta (2010, p. 138) em seu relato:

“Ser homem” não era apenas ter um corpo de homem, mas mostrar-se como "masculino" e "macho" em todos os momentos (...) Um dos preços da masculinidade, portanto, era uma eterna vigilância das emoções, dos gestos e do próprio corpo.

Wang (2006, p.55) também apresenta os traços constitutivos da identidade masculina socialmente prescrita:

Forte, confiante, ativo, destemido, determinado, realizador, independente, objetivo, pragmático, racional, emocionalmente

equilibrado, profissionalmente competente, financeiramente bem-sucedido e sexualmente impositivo são algumas das descrições pertinentes ao modelo ideal de masculinidade. A essa lista podem ser acrescentados adjetivos de conotação mais pejorativa, como frio, insensível, agressivo, arrogante, dominador, autoritário, violento e opressor. Sabe-se que uma mulher também pode ter todas essas características, durante muito tempo consideradas inerentes à “natureza” masculina e, até hoje, os estereótipos de gênero têm forte influência no cotidiano de homens e mulheres. Inicialmente, a influência desses estereótipos se faz presente na socialização do menino, através da relação com os pais. Mais tarde, à medida que travar contato com outros membros da comunidade, novas representações poderão ser acrescentadas, enquanto outras serão reforçadas ou eliminadas.

Assim, toda ideia de masculinidade é disseminada por meio do processo de socialização das crianças, que muitas vezes reforça a diferença social dos gêneros, a fim de que sejam bem diferenciados o ser homem e o ser mulher. Como afirma Santos (2003), a formação do “ser homem” se encontra intimamente ligada a uma tentativa de compreender as relações entre o masculino e o feminino conforme os parâmetros que visam buscar as significações de gênero, as quais se caracterizam socialmente pelas diferenças de gostos, preferências, comportamentos e atitudes de cada sexo. Por isso, é necessário entender o contexto e qual é o sentido que se atribui às ações de mulheres e homens. A masculinidade hegemônica não possui caráter fixo, ou seja, ela não é igual em qualquer tempo ou lugar (COSTA, 2003). É uma masculinidade que ocupa a posição hegemônica em um dado padrão de relações de gênero, sendo esta posição sempre contestável. Tal masculinidade hegemônica não diz respeito a um estilo de vida, mas a configurações que formam as relações de gênero. Assim, novos grupos podem desafiar antigas soluções e construir uma nova hegemonia, a qual se relaciona à dominância cultural na sociedade como um todo. Assim, o número de homens que praticam rigorosa e inteiramente o padrão hegemônico de masculinidade pode ser pequeno, mas a maioria deles usufrui dessa hegemonia, pois se beneficia do dividendo patriarcal da subordinação geral das mulheres.

Como propõe Silva (2006), o conceito de masculinidade hegemônica está intimamente calcado nos modelos tradicionais e nos predicativos da personalidade do homem, que se traduzem nos atributos de “machista, viril e heterossexual”. Ademais, o homem deve-se apresentar com distanciamento emocional, agressividade e comportamento de risco em seu cotidiano. Todavia, os novos modelos de masculinidade têm colocado em evidência a preocupação com a redefinição dos papéis de pai, marido, amante, trabalhador e cidadão. Desta forma, as instituições nacionais e internacionais têm se preocupado com essa pluralidade de modelos masculinos e oferecido propostas

de implementação de pesquisas e políticas públicas que procurem minimizar os riscos que o “novo homem” pode vir a sofrer.

Daí, é possível pensar que tal modelo hegemônico, apesar de ainda vigorar no ideal coletivo, ocasionou a suposta crise da masculinidade, exatamente porque não configura um ideal amplamente alcançável, tornando-se uma irrealidade ou um mito. A questão de “ser homem” na atualidade envolve o questionamento acerca da gênese da masculinidade, concebida como uma construção histórica e social, e não um modelo determinista ou biológico. Tomando como exemplo a sexualidade, foi por meio do crescente aumento de diferentes modelos sexuais, que se colocou em debate a questão da heteronormatividade vigente, tão presente no modelo de masculinidade hegemônica. O homem contemporâneo não pode construir sua identidade baseada em um único estereótipo imposto, além de não conseguir seguir o modelo hegemônico de masculinidade, o que acaba lhe causando intenso sofrimento, mesmo que inconsciente. Como Costa (1989 apud SILVA, 2006, p.121-122) explica:

A identidade é formulada por sistemas de representações diversas, e corresponde ao modo como o sujeito se atrela ao seu universo sociocultural. O conflito identitário se dá quando o processo ou desempenho identificatórios são atravancados por contradições internas a um sistema ou por incompatibilidade entre sistemas diversos, não conseguindo realizar as exigências da norma identificatória e vindo o sujeito a sofrer psicologicamente, sendo sua identidade interpretada como desvio da normalidade.

Assim, quem não se encaixa no padrão vigente acaba muitas vezes mudando seu comportamento ou enfrentando intenso sofrimento psíquico-físico, dependendo da resposta que a sociedade oferece, conforme o ambiente em que se vive. Dessa forma, é imprescindível o entendimento de que foi a partir desses modelos que se colocou em questão o modelo vigente de masculinidade. Para Bourdieu (2002, p.32):

A virilidade entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo, em caso de vingança), é, acima de tudo, uma carga. Em oposição à mulher, cuja honra, essencialmente negativa, só pode ser defendida ou perdida, sua virtude sendo sucessivamente a virgindade e a fidelidade, o homem “verdadeiramente homem” é aquele que se sente obrigado a estar à altura da possibilidade que lhe é oferecida de fazer crescer sua honra buscando a glória e a distinção na esfera pública.

Conforme Bourdieu (2002), a exaltação dos valores masculinos tem, em sua oposição, os medos e as angústias que a feminilidade suscita. A mulher vista como fraca encarna a vulnerabilidade da honra e está sempre exposta à ofensa, além de

personificar as armas da fraqueza, como a astúcia diabólica e a magia. Desse modo, tudo concorre para fazer do ideal impossível de virilidade o princípio de uma enorme vulnerabilidade. Esse modelo não somente é determinante do sofrimento psíquico como também, de acordo com Minayo (2005), é responsável por mudanças e atos relacionados ao exercício da masculinidade, associando o masculino com lugar de decisão e ação. A paternidade e a masculinidade significam provimento material e definem um lugar social para o homem no qual ele é visto como agente de violência, o que o associa ao exercício da dominação, às guerras e conquistas. Tais processos geram inúmeras consequências adversas a todos os gêneros como, por exemplo, o estupro e a violência contra a mulher na condição de cônjuge e o homicídio cometido por homens contra homens.

A violência masculina e a mortalidade dos homens já se tornou questão de saúde pública. É possível ver que tais modelos estão mudando, mas é necessário se perguntar e compreender essa realidade a fim de que se possa desenvolver políticas e ações públicas e privadas para prevenir tais consequências. Dessa forma, estudos atuais que foquem na compreensão do sofrimento masculino e nas novas masculinidades propostas são imprescindíveis, uma vez que ainda é necessário um longo caminho em prol da desconstrução da masculinidade hegemônica vigente em nosso dia a dia.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Ao discutir identidade, Bauman (2005) afirma que existem dois tipos de comunidade: as de vida e as de destino. No primeiro caso, trata-se de comunidades onde os indivíduos possuem entre si uma ligação afetiva absoluta, determinada por papéis e posições que ocupam na sociedade; no segundo, elas são movidas por ideias ou princípios semelhantes. Vivemos em um mundo contemporâneo onde as bases sólidas e as referências tradicionais de comunidade não funcionam mais como apoio seguro a partir do qual nossa identidade estava pré-determinada. Nas sociedades antigas, onde o modelo de comunidade de vida reinava, o questionamento sobre a identidade nem ao menos existia, uma vez que não fazia sentido pensarmos se poderíamos ser alguém diferente de nós mesmos. Dessa forma, a identidade é uma questão atual; estamos assim vivendo, como explica Bauman (2005), em uma modernidade na qual a crise de pertencimento a tais comunidades e bases gerou uma crise de identidade.

Atualmente, a identidade está muito ligada ao pertencimento, porque perdeu as âncoras sociais que a faziam parecer natural e pré-determinada. Além de inegociável,

a identificação se torna cada vez mais importante, uma vez que os indivíduos começam a buscar grupos aos quais possam ter acesso. Segundo Hall (2009), embora seja determinada por seus recursos materiais e simbólicos, a identificação é condicional e aloja-se na contingência, ou seja, ela funciona como um processo que não está definitivamente condicionado, mas encontra-se em permanente construção, não sendo, portanto, um ajuste completo.

A crise de identidade acontece porque, para uma parcela da população, a valorização da individualidade, a ausência de bases sólidas, o protagonismo e a meritocracia tornam a identidade uma questão de escolha, ou seja, dentro do nosso campo de possibilidades cabe a nós a responsabilidade de resposta e de assumir a autonomia perante a realidade que se apresenta e ao contexto em que estamos inseridos. Essa questão é ambivalente, pois não temos como fugir dela; em uma sociedade de possibilidades, não temos como não fazer escolhas. Precisamos o tempo todo reconstruir a identidade e acabamos em um ciclo de sofrimento, pois toda escolha requer o sacrifício de opções em prol de outras. Tentamos suprir a fragilidade das comunidades e a inexistência de fundamentos sólidos com o excesso de quantidade. Dessa forma, tentamos nos relacionar com diversas comunidades ao mesmo tempo na esperança de pertencer, o que acaba não suprimindo essa angústia na qual o sujeito se encontra, pois tais comunidades são momentâneas e efêmeras.

Em um nível superficial, a identidade poderia ser concebida como os diversos papéis sociais que o sujeito desempenha, que vão se modificando de acordo com os outros com os quais ele se relaciona; assim, a pessoa pode ser pai, filho, primo, profissional, dentre outros, dependendo do ambiente em que está. Todavia, achar que o indivíduo é somente os papéis sociais que ele representa é uma visão simplificada. Como afirma Paiva (2007), a identidade leva em conta a cognição, os afetos, as ações e também a adesão do indivíduo a determinados grupos; são, então, processos individuais envolvidos na construção da identidade. Além desses elementos subjetivos e individuais, a identidade é constituída de dimensões sociais, culturais e históricas. Segundo Melucci (2004), o sujeito tem em si várias partes que coexistem; assim, o eu vive um contínuo processo de transformação decorrente das múltiplas possibilidades de escolha. Em sua concepção, o paradoxo da escolha gera no sujeito incerteza em relação à parte do eu com a qual ele vai se identificar, tornando o “eu múltiplo”. Na sociedade em que vivemos, podemos produzir de modo autônomo e encontrar sentido naquilo que fazemos. São inúmeras as determinações sociais e as possibilidades de decisão. A multiplicidade permite-nos abandonar a identidade como ideia metafísica do sujeito individual, deslocando-se a atenção para os processos que transformam as

peças em indivíduos, ou seja, aqueles que contribuem para que cada um de nós sejamos sujeitos autônomos de ação, assegurando que a individualidade do “eu múltiplo” se transforme em individuação. No estudo da identidade, respostas muito simplistas ou pré-determinadas não condizem com a nossa realidade; então, é necessário atualizar o conceito, concebendo a identidade como construção e processo. Como exemplifica Melucci (2004), a incerteza acerca da identidade faz com que a gente se volte na busca de uma essência, mas a questão deve ser vista no sentido oposto, não como diversas máscaras que vão se substituindo, mas como a organização processual de diferentes sistemas de relação.

Para Ciampa (1984), a questão da identidade vai além do nível individual e se manifesta como construção coletiva, dado que a pessoa participa de uma substância humana que se realiza como história e como sociedade, nunca como indivíduo isolado, sendo o sujeito representante de uma totalidade identitária, constituída por forças contrárias; porém, integradas. Hall (2009) afirma que a identidade não é fixa na modernidade tardia; ela é cada vez mais fragmentada e fraturada, pois é construída a partir de uma cadeia de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas, estando constantemente em processo de mudança. A identidade é, pois, produzida dentro do discurso e da diferença, ou seja, na relação com o outro. De acordo com Melucci (2004), essa relação é extremamente importante porque nós não nos ligamos ao outro somente por interesses comuns, mas porque ele é a condição que avalia o sentido daquilo que nós fazemos.

Como afirma Melucci (2004), a identidade é formada pelo processo de individuação e de crescimento da autonomia, sendo produto de uma ação consciente, mais do que um dado ou herança. O sujeito, além de unidade biológica, está inserido em um contexto organizado pela sociedade e pela cultura. Assim, a questão da identidade se afirma não somente no âmbito individual, mas também é reconhecida pelo grupo, ou seja, ao mesmo tempo que nos reconhecemos como indivíduos, também nos reconhecemos como semelhantes ao grupo, o que assegura a construção de nossa identidade.

Ciampa (1984) demonstra que, embora o indivíduo seja uma totalidade, em cada momento de sua existência manifesta-se uma parte de si como desdobramento das múltiplas determinações à que está sujeito. Trata-se de um processo que ocorre simultaneamente. A pessoa vai se construindo e percebe-se como autora das suas próprias ações, integrando passado, presente e futuro. Entende que se localiza em um tempo e espaço específicos e possui uma história, mas ao mesmo tempo age no mundo

e o constrói mediante suas possibilidades de escolha e como sujeito de ação, também moldado por essa realidade.

É necessário salientar que a autonomia do sujeito diante da possibilidade de escolha da identidade é uma forma de construção social e não se aplica a todos os indivíduos. Existe uma parcela da população a quem o direito da identidade foi negado e para quem a vida social foi reduzida à condição exclusivamente biológica e, por conseguinte, animalésca. É o caso das pessoas estigmatizadas, que pertencem a categorias sociais marginalizadas, cujas identidades são moldadas a partir do estereótipo construído pelos outros, como é por exemplo o caso dos refugiados (BAUMAN, 2005). Segundo Hall (2009), é na questão da identificação e na política de exclusão que essa subjetivação parece exigir que a identidade volte a aparecer. Ciampa (1984) acrescenta que, vivendo sob os imperativos do capitalismo, a complexidade crescente da sociedade moderna impede-nos de sermos verdadeiramente sujeitos, porque a cisão entre o indivíduo e a sociedade faz com que cada pessoa não reconheça o outro como humano e conseqüentemente não reconheça a si próprio como humano. Assim, a identidade, para o autor, remete a um projeto político; a história é a história da autoprodução humana, o que faz do homem um ser de possibilidades que compõem sua essência histórica. Por fim, como afirma Melucci (2004), a identidade só pode ser negociada porque existem sujeitos de ação que não são mais definidos pelo exterior objetivamente, mas que têm a capacidade de reproduzir e reconhecer o sentido daquilo que fazem. Quando essa capacidade se perde, a identidade se perde também e as pessoas têm sua vida reduzida a uma condição precária. Por isso, é necessário entender todas essas nuances e realidades que nos cercam.

3. METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa, adotada no presente trabalho, trata do aprofundamento da compreensão de um tema escolhido, não focando na representatividade numérica, o que a distingue da pesquisa quantitativa. Ela nega o modelo excessivamente positivista e adota um método que se propõe a explicar a razão dos fenômenos e acontecimentos, sem quantificar os dados coletados ou emitir julgamentos acerca do objeto estudado. São analisados dados não métricos a partir de diferentes abordagens teóricas. Nesse tipo de pesquisa, busca-se adquirir informações aprofundadas e ilustrativas, construindo interpretações e reflexões críticas, que possibilitem compreender a dinâmica das relações sociais, as quais não podem ser quantificadas (SILVEIRA, 2009).

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (SILVEIRA, 2009, p.32).

Minayo (1999) argumenta que, para escolher o método de investigação, o pesquisador deve levar em conta não somente a questão ideológica, mas o objeto que pretende estudar. No caso, o ser humano e as ciências sociais são objetos que requerem não só o estudo do processo, mas a participação nele. Ao utilizarmos a pesquisa quantitativa, podemos cair no erro de desprezar aspectos essenciais da realidade, uma vez que nosso objeto de estudo é muito complexo e detém diversas nuances. Ao adotar o método qualitativo, o pesquisador deve ter cautela e atentar para seus limites, que incluem a grande confiança do investigador nos dados coletados; ou seja, deve-se tomar cuidado para não cair na ideia de que a extensa reflexão das notas de campo dê conta da totalidade do objeto estudado (SILVEIRA, 2009).

Sujeitos

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 10 jovens adultos heterossexuais, do sexo masculino, com nível universitário e faixa etária de 20 a 30 anos. Os participantes da pesquisa são estudantes universitários ou formados em psicologia, economia, direito, administração, ciências da computação, ciências da tecnologia, publicidade e propaganda, jornalismo, fotografia e engenharia de produção.

Instrumentos

Para realizar a entrevista semiestruturada, a pesquisadora preparou um roteiro e organizou um conjunto de questões acerca do tema estudado. Buscou-se abordar o significado da condição masculina para os entrevistados, as diferenças entre o homem e a mulher, as representações de virilidade, exemplos de masculinidade, o imperativo dos papéis, deveres e cobranças sociais, dificuldades enfrentadas decorrentes de ser homem. O roteiro foi elaborado sem, no entanto, restringir a liberdade dos entrevistados de falar espontaneamente sobre assuntos que iam surgindo na forma de desdobramentos do tema principal escolhido. Tal instrumento tem como vantagens a flexibilidade; a possibilidade do entrevistador se adaptar às circunstâncias e captar a expressão corporal, tonalidade e ênfase do entrevistado. Permite a obtenção de dados com elevado nível de profundidade, possui maior garantia de respostas do que o

questionário, funciona como um guia; porém, oferece abertura e possibilidade de desdobramento. Não exige que o entrevistado saiba ler e escrever e possibilita que os dados sejam analisados quantitativa e qualitativamente. Já as desvantagens estão no fato de que ela requer mais tempo e implica na ausência do anonimato. As respostas podem sofrer influência exercida pela presença do entrevistador e por suas opiniões pessoais, e podem acarretar dificuldades na organização e análise dos dados. (SILVEIRA, 2009).

Procedimentos

O primeiro contato foi realizado via internet ou telefone e o local da entrevista foi escolhido conforme as exigências do entrevistado. A amostra de sujeitos entrevistados foi escolhida com base nos critérios de inclusão definidos conforme os objetivos da pesquisa: indivíduos do gênero masculino, heterossexuais, com ensino superior completo ou incompleto. As entrevistas ocorreram presencialmente em lugares públicos da escolha do entrevistado e foram gravadas e posteriormente transcritas. Antes de iniciá-las, o pesquisador esclareceu os objetivos do estudo, a metodologia e os procedimentos. Na sequência, foi entregue a Carta de Informação ao Sujeito e solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em todas as entrevistas, informou-se aos participantes que o sigilo das informações seria garantido e a identidade preservada. Além disso, assegurou-se aos entrevistados que teriam acesso aos dados coletados e poderiam, por livre decisão, retirar sua participação da pesquisa; nesse caso, os dados fornecidos ao investigador seriam descartados. A análise das declarações dos entrevistados desenvolveu-se a partir da construção de seis categorias temáticas: aspecto biológico, estereótipos e expectativas sociais, valores, inadequação ao padrão, mulheres e homens.

Considerações Éticas

Os benefícios desta pesquisa, além dos fins didáticos, incluem a garantia de que os homens se manifestem acerca de questões sobre as quais não costumam falar, expressando-se em um espaço acolhedor e sem julgamentos, o que pode propiciar a desestigmatização e a conscientização acerca do tema, além de favorecer processos de transformação e a elaboração de políticas públicas adequadas. Os riscos, por outro lado, eram mínimos. No entanto, caso o tema gerasse algum desconforto ao entrevistado, teria plena liberdade para interromper a entrevista e os dados fornecidos por tal sujeito seriam eliminados.

Metodologia de Análise dos Dados

Nas pesquisas qualitativas, a escolha do método de análise deve proporcionar uma visão integrada e multifacetada dos dados recolhidos. O método adotado no projeto em questão foi a Análise de Conteúdo, que consiste na utilização de técnicas de pesquisa para identificar os sentidos de um documento. Segundo Bardin (1977), a Análise de Conteúdo configura um conjunto de técnicas de análise de comunicação, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, tendo como intenção produzir conhecimentos relativos às condições de produção ou recepção das formas simbólicas. O autor afirma que, como os discursos humanos são ricos e polissêmicos, existe a possibilidade do pesquisador qualitativo produzir uma série de interpretações.

A Análise de Conteúdo se processa por fases: primeiramente, realiza-se uma “leitura flutuante” de todo o material; tal leitura é feita de forma mais ampla com o intuito de apreender e organizar de forma não estruturada aspectos importantes para as próximas fases da análise. Em seguida, inicia-se a seleção das unidades de análise, ou seja, conforme a proposta da pesquisa, selecionam-se palavras, termos, mas principalmente temas pertinentes apresentados na coleta de informações. Por fim, há a fase de categorização, cuja característica principal é a classificação de elementos que constituem um conjunto, ou seja, agrupam-se temas por interesse e por proximidade, que possam elaborar significados ou interpretações coerentes. Essas categorizações podem ser apriorísticas – o pesquisador já possui um tema grande no qual serão encaixadas subcategorias – ou não apriorísticas – as categorias emergem do contexto da pesquisa. Durante todo o processo deve haver um trabalho reflexivo do pesquisador, o qual precisa avaliar cada fase e pesar o que é devidamente pertinente a fim de obter um resultado equilibrado e satisfatório em sua pesquisa.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Para a realização da análise, é preciso levar em conta o perfil dos entrevistados, uma vez que estabelece o contexto social de produção das respostas fornecidas à investigadora. Trata-se, portanto, de homens heterossexuais, com idades de 20 a 30 anos; a maior parte está fazendo cursos no campo das ciências humanas, com algumas exceções, sendo integrantes de faculdades públicas e privadas. Além do perfil, outra questão que merece destaque é a condição de gênero da pesquisadora. Por ser mulher, certamente interferiu na construção dos discursos e pode ter causado algum enviesamento na confecção dos sistemas simbólicos, tendo em vista que a pesquisa se propõe a entender a identidade masculina. Nas entrevistas, os discursos de igualdade e diferença de gênero ganharam força, sendo possível observar que muitos

entrevistados apresentaram respostas paradoxais, ora tentando anular as diferenças entre os gêneros, ora naturalizando e generalizando os papéis sociais.

Os entrevistados citaram, logo no início das entrevistas, o aspecto biológico como o *locus* da diferenciação entre homens e mulheres, o que em certa medida é apropriado considerando que em um nível superficial a identidade se diferencia pela fisiologia do sujeito. Todavia, a ênfase nas estruturas biológicas anula a importância do cenário social e das determinações culturais na constituição da identidade. O corpo se destaca não somente pela diferenciação sexual, mas também como parte do eu do qual se exige adaptação ao modelo idealizado pelos padrões sociais. Por outro lado, observa-se que os entrevistados tentam anular as diferenças entre homens e mulheres, assumindo o discurso feminista da igualdade de gênero. Boa parte dos entrevistados procura abster-se de reconhecer as diferenciações de gênero, restringindo-as à questão biológica ou à naturalização de papéis sociais.

Desde os neandertais, o homem é que sai pra caçar e a mulher ficava em casa. Então, meio que ser homem é uma questão biológica, a questão de ser o protetor, o provedor; e a mulher é a que cuida dos filhos e tal. Tudo é uma questão biológica, mas hoje em dia isso não é mais tão relevante. Então, não sei bem qual o significado hoje de ser homem. (José)

Com o prosseguir das entrevistas, foram surgindo os aspectos sociais e psicológicos da identidade masculina, o que se evidenciou quando os sujeitos fizeram menção às exigências do padrão social ao qual afirmam não se adequar. Segundo Connell (2013), o ideal da masculinidade hegemônica parece inalcançável; trata-se da imagem projetada do homem idealizado que ninguém consegue seguir efetivamente. Exige-se contemporaneamente a constituição de um homem que vivencia certa solidão voluntária no enfrentamento dos obstáculos da vida e, ao mesmo tempo, busca uma parceira amorosa, assumindo a posição de provedor da família, formando traços paradoxais na construção da identidade masculina. Como explica Melucci (2004), é na relação dialética entre o sujeito autônomo em sua produção e o sujeito que depende totalmente da relação com o outro que a identidade se configura. Assim, os estereótipos acerca da masculinidade se misturam com os ideais pessoais dos entrevistados. Muitos dizem não querer se encaixar no padrão idealizado, outros valorizam tais modelos, alguns não associam os modelos de masculinidade com as suas próprias referências. Estabeleceu-se, pois, um conflito entre a masculinidade hegemônica – sistema simbólico e parâmetro de conduta socialmente definidos – e as escolhas pessoais dos entrevistados. Os depoimentos revelam que os sujeitos apresentam certo desprezo pelo modelo de dominação masculina e tentam negá-lo, demonstrando interesse para

controlar a própria vida. Identifica-se um conflito entre a adaptação à norma social e o mito da liberdade individual para construir a identidade segundo seus próprios desejos, longe dos condicionamentos sociais e culturais. Como esclarece Bauman (2005), os tempos atuais são baseados na ideia altamente difundida da autonomia meritocrática do indivíduo. Os entrevistados, então, vivem a angústia do aprisionamento, almejando alcançar um nível de liberdade que lhes permitiria ser “eles mesmos”, escapando, assim, do rigor moral e estético da sociedade, que exige o ajustamento a um padrão de conduta generalizado. A identidade, nessa perspectiva, é concebida como uma essência metafísica, um estado subjetivo originário ao qual o sujeito pode retornar em contraposição aos imperativos da sociedade que corrompem o “eu”, impedindo-o de realizar-se. Ambas as posições são dicotômicas e deterministas, opondo-se às concepções dialéticas de identidade, segundo as quais a formação identitária resulta das relações conflitivas entre o sujeito e o outro, o indivíduo e a sociedade.

Olha, da parte da sociedade me incomoda ela exigir que a gente seja o macho alfa, o que veste as calças, eu acho isso uma besteira. Teve uma vez que um professor meu causou polêmica na sala de aula, porque ele falou de uma mulher, uma autora, que escreveu que é muito mais difícil ser homem do que mulher na sociedade, porque, tipo o homem é o tempo inteiro colocado na posição “de você tem que ser o viril”, “você tem que ser o macho alfa; se você não for, você vai ser escrachado”. E eu acho isso ridículo, é o machismo na sociedade, fazendo com que o homem seja obrigado a adquirir uma postura, a agir de certa forma, então isso me incomoda...Como eu lido com isso? Cara, eu tento viver na vida, tipo, à minha maneira assim, eu tento não ligar muito para o que a sociedade exige de mim como homem. Então, eu só me coloco da maneira que eu gosto (Gabriel).

Segundo Ciampa (1984), o outro atua no sentido de confirmar a identidade, consolidando-a, ou afirmar a diferenciação identitária. Os depoimentos revelam que o sexo feminino cumpre as funções de validação e distinção da identidade. A mulher é tratada como uma espécie de contrário na determinação identitária, ou seja, o homem possui algum atributo em oposição à mulher. A oposição, portanto, garante a confirmação da identidade masculina. Os valores e as vantagens de “ser homem” são apresentados em relação aos das mulheres, destacando-se, inclusive, as diferenças físicas e sociais. A figura feminina é icônica em sua aparição. Os entrevistados parecem indicar certa disposição para afirmar a igualdade entre os gêneros, aparecendo em alguns relatos o enaltecimento das mulheres; porém, paradoxalmente, as classificam como grupos separados, cujas vontades ou atitudes eles não conseguem compreender, uma vez que são homens. O estereótipo da masculinidade, que postula o dever do homem de estabelecer com as mulheres um bom relacionamento amoroso, contribui com a construção de uma identidade ambivalente, que toma a mulher como oposto,

responsável por validar os papéis sociais do homem na sociedade. Em algumas declarações, a mulher é associada à maternidade, o que indica a articulação entre a identidade e as disposições biológicas.

Ah, eu já conheci mulheres que não esperam isso, que esperam que o cara seja um cara normal, assim como elas, e eu já conheci mulher que quer que o cara seja machão, seja dono e tudo mais... eu não sei dizer o que as mulheres esperam no geral, acho que é bem dividido, tem pra todos os gostos. (Pedro).

Tem o grupo de mulheres agora, na verdade agora não, faz muito tempo, mas agora com o advento da internet meio que chegou à superfície, que exige só a igualdade, ponto, que é o correto, ninguém está reclamando... tem gente que reclama, eu não, mas enfim; e tem aquelas mulheres que ainda reproduzem o discurso colocado por homens, que é querer o homem viril. Não costumo andar com esse tipo de pessoa, não faço questão também, mas é a mulher que quer que o cara sustente, tem que sustentar a casa. Ele tem que ter um carro, ele não pode nem fodendo usar metrô, tá ligado? Tipo, tem que ter um carro, ele tem que ter condições de sustentar a casa pra que seja uma família tradicional, ele não poderia trocar papéis com ela, ele não... ele é o homem padrão, e tem mulher que ainda exige isso, o que eu acho meio loucura, mas acontece, né? (Daniel).

Por fim, a construção identitária também sofre as interferências das relações com os semelhantes, neste caso, os outros homens. Se a mulher é responsável pela diferenciação dos papéis sociais, é no relacionamento com os homens que as representações do masculino são afirmadas e negociadas. Como mostra Melucci (2004), a identificação com o grupo é imprescindível no processo de formação identitária, uma vez que pertencer não significa somente compartilhar ideias semelhantes, mas configurar a si mesmo mediante o reconhecimento do grupo. Todavia, como demonstra Bauman (2005), existe hoje uma crise de identificação em virtude das bases frágeis e efêmeras das comunidades. De acordo com os discursos dos entrevistados, o grupo “homens” é reprodutor de comportamentos da masculinidade opressiva com os quais os sujeitos dizem não concordar. Evidencia-se, pois, uma crise de identificação, que coloca os indivíduos numa relação ambivalente entre a segurança do pertencimento e a liberdade de construção do “eu” individual. Os participantes da pesquisa fazem referência a casos individuais, demonstrando a dificuldade de se relacionar e se identificar com o grupo. A ambivalência entre o indivíduo e a sociedade ganha ares de relação dicotômica; o mundo social adquire uma conotação pejorativa, sendo apresentado pelos sujeitos como lugar de exigências e imposições, que funciona como impedimento à realização da identidade autêntica do indivíduo, o qual deve se desvencilhar das determinações sociais e sobressair-se, garantindo, assim, o aparecimento do “verdadeiro eu”.

A desvantagem é que como o homem está dentro de um círculo com todos os outros homens, então o que os outros fazem acaba mexendo na imagem que as mulheres têm de você e independe do que você faça. Então, querendo ou não, isso naquela questão de que todo homem é um potencial estuprador, assim como toda pessoa é um potencial assassino, não necessariamente o homem é um estuprador, mas como todos os outros homens perpetuam isso, a mulher acaba não sabendo quem é quem e acaba ficando com medo de todos os homens e isso vai criando vários problemas (José).

Assim, é possível observar um sofrimento causado pela construção da identidade masculina; “ser homem” não é visto nas entrevistas como motivo de orgulho, mas como um peso do qual não se deve falar muito, uma vez que se espera uma postura de igualdade de gênero, e também algo ao qual a maioria não consegue se adaptar visto que o padrão social exigido é difícil de ser alcançado. Nos discursos, percebe-se que os entrevistados não se dispõem a delimitar a identidade; é uma visão diferente da masculinidade oitocentista. Nos tempos contemporâneos, com as crises de identificação e a propagação de teorias feministas, os papéis do homem não estão tão claramente estabelecidos. Ademais, como dito anteriormente, atualmente, em decorrência da crise de pertencimento e das múltiplas possibilidades de escolha (MELUCCI, 2004), estão mais intensas as divergências entre a autonomia do sujeito e a influência do grupo, os processos de identificação e individuação. Cabe salientar que “ser homem”, diferentemente do que alguns sujeitos enunciam, não é somente uma questão biológica, mas envolve todo um processo de construção social e do próprio sujeito, sendo, pois, indispensável compreender a dimensão dialética e histórica da experiência identitária, o que nos permitirá apreender a formação da identidade do homem contemporâneo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas apresentaram discursos heterogêneos que dificultaram a construção de uma interpretação genérica dos dados. É necessário levar em conta o gênero da investigadora que, como a análise sugere, produziu certo desconforto nos entrevistados ao discutir masculinidade. A pesquisa apresenta um recorte de classe, não tendo, portanto, pretensão de construir generalizações indevidas. Ademais, os sujeitos pertencem, em sua maioria, a cursos de ciências humanas, o que restringe ainda mais a amostra. Considerando-se tais delimitações, foi possível observar que ainda hoje a masculinidade é uma representação social controversa: os homens muitas vezes não se enxergam conforme os modelos ideais propostos culturalmente. Existe uma crise de pertencimento na atualidade que incide sobre a identidade, uma vez que a relação com o mundo social intervém significativamente no processo de construção

identitária. É na dialética entre indivíduo e sociedade que a identidade se configura. Tal processo envolve conflitos, tensões e sofrimentos de diferentes naturezas. Por meio da análise também foi possível observar os papéis que ambos os gêneros representam na formação da identidade masculina e o modo como as representações sociais da atualidade, como a valorização da meritocracia individual e a busca de um discurso de igualdade, influenciam na visão que os jovens apresentam de suas identidades, demonstrando que “ser homem” é condicionado não somente por modelos de masculinidade, mas se constrói dialeticamente na relação do sujeito com o mundo ao qual pertence.

6. REFERÊNCIAS

- BARDIN L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BORDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Berthrand Brasil, 2002.
- CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: Codo, Wanderlei; Lane, Silvia T. M. (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 58-75.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abr. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 maio 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>.
- COSTA, Rosely Gomes. Saúde e masculinidade: reflexões de uma perspectiva de gênero. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 20, n. 1 (2003), jan. /jun. 2003. Disponível em: http://rebep.org.br/index.php/revista/article/view/305/pdf_286. Acesso em 14 maio 2016.
- FIALHO, Fabrício Mendes. Uma Crítica ao Conceito de Masculinidade Hegemônica. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. 2006. Disponível em: < http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_9.pdf > Acesso em 14 maio 2016.
- GOMES, Romeu et al. As Representações da Masculinidade e o Ser Homem. In: *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008, Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST56/Gomes-Nascimento-Rebello_56.pdf> Acesso em 14 maio 2016.
- GUERRA, Valeschka Martins et al. Ser homem é....: adaptação da escala de concepções da masculinidade. *Psico-USF*, Itatiba, v. 19, n. 1, p. 155-165, abr. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

82712014000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 maio 2016.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712014000100015>.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 103-133.

HONÓRIO, M. D. Cabra-macho, sim senhor! Um estudo sobre a masculinidade no nordeste do Brasil. XV *Congresso Brasileiro de Sociologia*. Curitiba/UFPR, 2011. Disponível em < <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT1/EixoIII/cabramacho-Maria-Dores-Honorario.pdf>>. Acesso em 14 de maio de 2016

MELUCCI, Alberto. *O jogo do eu: A mudança de si em uma sociedade global*. São Leopoldo, RS, Brasil : Editora Unisinos, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 23-26, Mar. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csc/v10n1/a03cv10n1.pdf>. Acessado em 16/08/2015

PAIVA, Geraldo José de. Identidade psicossocial e pessoal como questão contemporânea. *PSICO*, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 1, pp. 77-84, jan./abr. 2007

SANTOS, Valdonilson Barbosa dos. *A construção social da masculinidade sob o foco das atividades lúdicas infantis*. 2003. 138 p. Tese (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE. 2003. Disponível em: < <http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20040216142208.pdf>> Acesso em 14 maio 2016.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicol. Cienc. prof.*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 118-131, mar. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 maio 2016.

WANG, Mey Ling et al. Identidades Masculinas: Limites e Possibilidades. *Psicologia em Revista* - Belo Horizonte - v. 12 - n. 19 - p. 54-65 - jun. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/243/252>> Acesso em 14 maio 2016.

CONTATOS

Aluna: priscila.ferraz@hotmail.com

Orientadora: bruna.dantas@mackenzie.br